

Palmada em criança não resolve o problema da birra

Especialistas desaconselham usar de truculência quando os baixinhos fazem malcriação

Mariana Rosário
mariana.rosario@sp.oglobo.com.br

Proibida por lei no Brasil e amplamente desaconselhada por especialistas em psicologia, psiquiatria e pediatria, a palmada (e outras agressões) em crianças infelizmente ainda é muito utilizada por pais e responsáveis. Foi o que mostrou uma recente pesquisa realizada pela Quaest e encomendada pelo banco Genial. Na análise, que ouviu 2.016 pessoas maiores de 16 anos em 120 municípios, no começo deste mês, 56% concordaram que “é normal que a criança apanhe dos pais”. Uma importante fatia (42%), é preciso destacar, disseram discordar da prática, e 2% não souberam ou não quiseram opinar.

Nos consultórios de psicologia e psiquiatria, a truculência dos pais é justificada por toda sorte de razões. “Era assim quando eu era criança”, dizem uns; “não sei o que fazer quando meu filho per-

de o controle”, alegam outros. Ou então “meu irmão não apanhou na infância e se tornou uma pessoa irresponsável”, explicam alguns. Especialistas, contudo, refutam todas essas ideias e classificam o hábito de agredir crianças, mesmo no auge da birra, como inútil e nocivo, para ficar em somente dois adjetivos.

DANOS

Para além do direito desrespeitado da criança, há o dano mental e comportamental. Um recente estudo da Universidade Católica Australiana mostrou que meninos e meninas que apanharam na infância tinham, em média, duas vezes mais riscos de desenvolver ansiedade e depressão, quando comparados com os que não passaram por castigos físicos. Outra análise, essa de 2021, feita por especialistas da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, demonstra que mesmo a palmada con-



siderada “leve” (sem descambar para violências mais graves) já pode impactar no desenvolvimento cerebral de maneira negativa.

— A punição comprovadamente não funciona. A agres-

são não ensina o comportamento adequado. Para a criança entender, é preciso repetição das instruções e, com a agressão, existe a falsa impressão de que elas entenderam aquilo imediatamente. E

não é isso que ocorre — explica a psicóloga infantil e neurocientista à frente do Instituto Singular, Mayra Gaiato.

COMBINADO NÃO SAI CARO
Embora seja trabalhoso, o

melhor caminho para resolver momentos em que os filhos desafiam sua paciência é o diálogo. Como diz Cristina Borsari, coordenadora de psicologia do Sabará Hospital Infantil, é preciso “fazer combinados reais e efetivos com a criança”.

— Em vez de proibir o videogame por três semanas, que é muito difícil de se manter, reduza o tempo de jogo em um terço. É um mecanismo de traçar estratégias por meio do diálogo, explicando sempre que aquele comportamento foi errado. — afirma Borsari. — Vemos que falta paciência e tranquilidade para entrar no universo dos pequenos.

Se a birra piorar, é preciso respirar fundo, olhar no olho da criança e, sem erguer o tom de voz, orientá-la que é preciso parar com o acesso de irritação. Os especialistas pedem que a criança seja preservada e que se evite a todo custo envergonhá-la publicamente.

— Os pais devem neutralizar esse comportamento — indica a psicóloga do Sabará. ■